

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO OESTE CATARINENSE

O objeto desta resenha é a dissertação de mestrado em Gestão de Negócios do pesquisador Carlos José Pereira, realizada junto ao Grupo de Estudos Sócio-Econômicos Brasil-Espanha, do mestrado em Gestão de Negócios da Universidade Católica de Santos.

A dissertação versa sobre o desenvolvimento econômico de uma região específica, o Oeste Catarinense, em uma época específica, o decorrer do século XX, sendo que a pesquisa leva em consideração a formação social do Oeste Catarinense, desde a chegada dos primeiros descobridores, passando pelos primeiros colonizadores, pelos primeiros imigrantes, pela Guerra do Contestado, pela chegada da ferrovia, pelos primeiros frigoríficos. O território objeto do estudo não pertencia originalmente a Portugal, conforme consta dos documentos firmados entre Portugal e Espanha, entre eles o Tratado de Tordesilhas, o mais importante documento da época, visto que trata da divisão das terras recém-descobertas, incluindo-se as terras ainda “não descobertas”, terras que viriam a ser pouco depois, o Brasil, e, entre os outros documentos, do Tratado de Madrid.

Pela ocupação física e pacífica feita pelos portugueses, eles obtiveram a efetiva titularidade. Posteriormente a Argentina tentou dominar as terras, tendo atuado de forma tão incisiva que tentou cobrar impostos na região. Os estados de São Paulo e Paraná também demonstraram interesse pelo mesmo território. Por fim, o Estado de Santa Catarina, ficou com a posse das terras desse que passou a ser conhecido por Oeste Catarinense. No início do século XX, o Oeste Catarinense era uma região quase que totalmente inabitada. Aos poucos seu território foi sendo ocupado por descendentes de europeus, alemães e italianos, majoritariamente. A construção da ferrovia ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, iniciada por Percival Farquhar despertou o interesse pela região. As pequenas vilas foram se formando, evidenciando que o território poderia gerar riquezas. Sua distribuição não se mostrou equânime, gerando insatisfações, que surgiram à medida que as diferenças sócio-econômicas foram sentidas.

O movimento do Contestado, em parte alimentado por tais diferenças, conturbou a região. A construção da ferrovia somente pode ser concluída com o fim do movimento do Contestado. A partir daí, a região desenvolveu-se, evidenciando sua posição como território

de agricultura e pecuária. Os empreendedores da região foram ampliando suas atividades e a economia regional que era, em seus primórdios, quase que de subsistência, e totalmente focada no setor primário, ou seja na agricultura e pecuária, cresceu de tal forma, que hoje a região destaca-se nacionalmente por ser grande produtora agro-pecuária, agasalhando em seu território frigoríficos como Aurora, Chapecó, Perdigão e Sadia.

Em 1916, as escaramuças cessaram, a região foi pacificada e os colonos começaram a chegar ao vale do Rio do Peixe. A Colônia Bom Retiro, parte da estação Herval (atual Herval d'Oeste), recebeu o primeiro contingente de gaúchos descendentes de alemães, os quais foram trazidos pela "Brazil Development and Colonization" que loteou, à mesma época, terras em Chapecó. Foram constituídas empresas gaúchas de loteamento e colonização, as quais adquiriram áreas da "Brazil Development and Colonization". Vieram para o Oeste Catarinense, através dessa empresas, descendentes de alemães e italianos que, anteriormente, haviam povoado o Rio Grande do Sul.

A Revolução de 1930, entretanto, cortou o fluxo de colonos, não só para o Oeste, como também para todo o Estado. A colonização parou porque havia dúvidas sobre a legitimidade da posse e propriedade das terras. Os agricultores, por sua vez, queriam mais terras. Em consequência, gaúchos e catarinenses dirigem-se ao Norte do Paraná. O Estado catarinense chegou a reconhecer a legitimidade das terras, mas a União, nesse momento, põe em dúvida as concessões dadas à "Brazil Development" e a colonização ficou parada.

Após a II Guerra Mundial, ou por volta de 1950, o assunto foi resolvido e o processo de migração de gaúchos para o solo "barriga-verde" recomeçou. Estimativas indicam que 90% dos colonos que povoaram o Oeste Catarinense eram de origem italiana e alemã, sendo os demais de origem polonesa, ucraniana, portuguesa e indígena. Esses grupos dedicaram-se às lavouras de milho, feijão, alfafa, trigo, mandioca, batata doce e abóbora. De forma geral, desenvolveram a criação de suínos, frangos e a indústria vinícola.

Durante a 2ª Guerra Mundial o território objeto deste estudo formou, junto com o Sudoeste do Paraná, o Território do Iguazu, que foi desfeito após o período belicoso. Mas este foi apenas um de vários episódios referentes à posse das terras oestino-catarinenses. Somente por volta de 1950 foram resolvidos os problemas de titularidade das terras lindeiras à ferrovia,

as quais eram disputadas, de um lado, pela empresa construtora da ferrovia, calcada esta em Contrato assinado com o Governo, e de outro lado, pelos que dela tinham a posse “de facto”.

A partir de 1940, aproximadamente 30 anos após os conflitos do Contestado, inicia-se, ainda que timidamente, a modernização do Brasil. Nas cidades litorâneas, especialmente em Joinville, Brusque, Blumenau e Criciúma, no que diz respeito ao Estado de Santa Catarina, passa-se do que era tido como artesanato familiar para atividades industriais como fábricas de tecidos, móveis, cerâmicas, máquinas, componentes eletrônicos, eletrodomésticos, entre outros. Na região do Planalto, Lages, como a proeminente da região e no Oeste Catarinense, propriedades familiares, de pequeno e médio portes, concentram-se nos complexos madeireiro e agroindustrial, destacando-se os cultivares de milho, soja, trigo, suínos, aves e carnes industrializadas.

A pesquisa enfatiza a região formada inicialmente por apenas dois municípios, Chapecó e Joaçaba, oriundos do Acordo de Limites Interestaduais, firmado em 1920, pelo Presidente da República de então, Epitácio Pessoa, ocasião em que ambas as populações representavam apenas 3,7% da população do Estado e somavam 24.650 almas contra 668.743 habitantes recenseadas em todo o Estado de Santa Catarina. No Censo de 2000, o Oeste Catarinense concentrava dentro de seus limites territoriais em torno de 21% da população estadual, demonstrando um crescimento populacional que levou ao desenvolvimento lá observado.

Em 1934 ocorreram desmembramentos de território de vários municípios e no Oeste Concórdia (sede da Sadia) desmembrou-se de Joaçaba, então Cruzeiro do Sul. Caçador emancipou-se com parte do território de Joaçaba e parte de Campos Novos. Ainda neste ano o Estado sofreu encurtamento de sua área com a criação do Território do Iguaçu, o qual voltou a ser área territorial catarinense doze anos depois, em 1946. Depois de ter sido resolvido o problema de litígio entre o Paraná e Santa Catarina, a região ainda não ficou em paz, pois a área que coube a Santa Catarina possuía muitos terrenos devolutos. Apesar de resolvida a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina, o Governo do Paraná expediu até 1917 títulos de domínio para os terrenos devolutos da região do Contestado. O Governo Catarinense não concordou e, por sua vez, expediu títulos para a mesma área, até 1924, estabelecendo-se, por isto, grande confusão. É importante mencionar que o concessionário da ferrovia tinha a seu dispor, de cada lado da mesma, 15 km de terra. Desses ele escolheria 9 km, multiplicados pelo

total de quilômetros da ferrovia. Some-se a isso a distribuição de terras promovida pelos dois Estados, para aquilatar-se o grau de tensão que ia se formando.

Dos dois municípios fundadores desmembraram-se outros 121 municípios, perfazendo atualmente um total de 123 municípios. Para dar uma idéia do desenvolvimento populacional mais recente, os municípios líderes em população, de acordo com os dados censitários do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, são:

Nº	Território	Censo de 1970			Censo de 1980		Censo de 1991		Censo de 2000	
		População	População	Var. %	População	Var. %	População	Var. %	População	Var. %
	Brasil	93 139 037	119 002 706	27,8	146.825.475	23,4	169.799.170	15,6		
	Santa Catarina	2.903.360	3 627 933	25,0	4.541.994	25,2	5.356.360	17,9		
	Oeste Cat.	730 826	931.330	24,9	1.051.083	12,9	1.116.766	6,2		
	OC/SC em %	25,2	25,7		23,1		20,8			
1	Chapecó	49 693	83 768	68,6	111.390	33,0	146.967	31,9		
2	Caçador	32 927	39 268	19,3	50.761	29,3	63.322	24,7		
3	Concórdia	45 387	59 427	30,9	57.804	(2,7)	63.058	9,1		
4	Videira	21 898	28 151	28,6	33.578	19,3	41.589	23,9		
5	Xanxerê	24 884	30 014	20,6	32.784	9,2	37.429	14,2		
6	Fraiburgo	10 188	15 034	47,6	26.649	77,3	32.948	23,6		
7	São Miguel d'Oeste	22 365	35 769	59,9	31.147	(12,9)	32.324	3,8		
8	Joaçaba	20 789	24 717	18,9	22.814	(7,7)	24.066	5,5		
9	Xaxim	20 106	24 510	21,9	19.787	(19,3)	22.857	15,5		
10	Herval d'Oeste	13 137	15 468	17,7	17.832	15,3	20.044	12,4		

Municípios mais populosos conforme Censo de 1970, 1980, 1991 e 2000. Fonte de dados brutos: Ibge.
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?z=t&o=1&i=P>

Eles representam 52% da população do Oeste Catarinense em 1970 e mantém a mesma porcentagem pelos dados do Censo de 2000, enquanto o Oeste Catarinense em relação ao Estado diminui sua participação de 25% para 21% no mesmo período, o que nos permite dizer que estes dez tem crescido populacionalmente mais do que os demais municípios da região. O total das terras oestinas corresponde a 26% do total da área estadual. A partir de 1920, a fronteira agrícola expandiu-se de meros 4% para chegar a 30%, cinquenta anos depois. Agricultura e pecuária desenvolveram-se com auxílio de entidades de fomento governamentais. Característica da região é que a maioria dos estabelecimentos agro-pecuários é formada por pequenas propriedades, geralmente formadas pelo núcleo familiar. Estas propriedades trabalham em estreita parceria com os frigoríficos formando um cluster de produção integrada. Pode-se dizer que todo o desenvolvimento econômico da região deveu-se à labuta da atividade ligada a terra. As altas produções agrícolas não foram adequadamente planejadas

pelos governos, pois o armazenamento da produção sempre foi um problema devido à falta de silos e armazéns suficientes.

Implemento agrícola	Região	Até 50 hectares		Mais de 50 hectares		Total
		Nº	%	Nº	%	
Tratores	OC	727	77,0	217	23,0	944
	SC	4.868	80,3	1.195	19,7	6.063
	% OC/SC	14,9		18,2		15,6

Nº de tratores utilizados em propriedades agrícolas até 50 hª e com mais de 50 hª. Fonte: Censo Agropecuário de 1975, IBGE

O aumento da produtividade da terra ocorreu pela feliz conjugação de áreas relativamente pequenas que poderiam receber novas tecnologias, frente à possibilidade de lucros crescentes acenados pela atividade. Tratores, de acordo com o Censo de 1970 eram utilizados em 77% das propriedades agrícolas de até 50 hectares, e em apenas 23% das propriedades agrícolas com mais de 50 hectares.

A indústria cresceu, conforme dados dos Censos de 1940 e 1970, 42 vezes, enquanto o crescimento médio da região no mesmo período, incluída a própria indústria foi de 21 vezes. Quanto ao tamanho das indústrias da região, incluídos os frigoríficos, o número médio de funcionários/empresa fica aquém da média estadual. Entre os anos de 1940 e 1975, os dados censitários registram que o Oeste cresceu de 7 para 11 empregados, ou 57%, enquanto o Estado saltou de 9 para 19 pessoas, ou 111%.

Prof. Dr. Antonio Carlos Freddo
Mestrado em Gestão de Negócios
Universidade Católica de Santos
Orientador